



Produção Constitutiva em Carneiro Leão: ações pedagógicas empreendidas na reforma das línguas estrangeiras no Brasil

Constitutive Production in Carneiro Leão: pedagogical action undertaken in the reform of foreign languages in Brazil

Producción Constitutiva em Carneiro Leão: acciones pedagógicas emprendidas en la reforma de las lenguas extranjeras en Brasil

Jonathas de Paula Chaguri - Universidade de Pernambuco | Nazaré da Mata | PE | Brasil. E-mail: jonathas.chaguri@upe.br | **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0002-7525-9653>

Resumo: Antonio Arruda Carneiro Leão (1887-1966) foi professor e educador brasileiro. Dentre suas diversas atividades exercidas na educação, este texto destaca sua atuação como professor-chefe de francês no Colégio Pedro II e o responsável por implantar, na reforma das línguas estrangeiras, o método direto para o ensino de línguas durante a reforma Francisco Campos realizado a cargo do Governo Federal no Brasil. Este texto objetiva apresentar como se constituiu o processo da reforma das línguas estrangeiras de forma singular por meio de suas ações pedagógicas como professor-chefe de francês. A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica e documental, de forma qualitativa. Concluímos que Carneiro Leão identifica o método direto como uma solução para modernização do ensino de línguas estrangeiras na década de 1930. Por conseguinte, devido as suas ações empreendidas na reforma, atualmente, as línguas estrangeiras assumiram a condição de garantir o conjunto de conhecimentos essenciais ao estudante para aproximação de outras culturas e de sua integração com o mundo globalizado.

Palavras-chave: Carneiro Leão; reforma das línguas estrangeiras; método direto.

Abstract: Antonio Arruda Carneiro Leão (1887-1966) was a Brazilian teacher and educator. Among his many activities in Education, this article emphasizes his role as the head-teacher of French at *Colégio Pedro II* and the person responsible for implementing the direct method for teaching foreign languages during the Francisco Campos Reform carried out by the Brazilian Federal Government in the Education Reform. This text aims to show how the process of reform of foreign languages was constituted in a singular way through his pedagogical actions as head-teacher of French. The methodology used is bibliographic and documentary in a qualitative way. We conclude that Carneiro Leão identifies the direct method as a solution for modernizing foreign language teaching in the 1930s. Consequently, due to their actions undertaken in the reform, currently, foreign languages have assumed the condition of guaranteeing the set of essential knowledge to the students for the approximation of other cultures and their integration with the globalized world.

Keywords: Carneiro Leão; foreign language reform; direct method.

Resumen: Antonio Arruda Carneiro Leão (1887-1966) fue un profesor y educador brasileño. Entre sus diversas actividades en educación, este texto destaca su desempeño como director de francés en el Colegio Pedro II y el responsable de implementar en la reforma de lenguas extranjeras, el método directo para la enseñanza de idiomas durante la reforma Francisco Campos llevada a cabo bajo el Gobierno Federal en Brasil. Este texto tiene como objetivo presentar cómo el proceso de reforma de las lenguas extranjeras se constituyó de una manera única a través de sus acciones pedagógicas como director de francés. La metodología utilizada es bibliográfica y documental de forma cualitativa. Concluimos que Carneiro Leão identifica el método directo como una solución para modernizar la enseñanza de lenguas extranjeras en la década de 1930. Por lo tanto, debido a sus acciones emprendidas en la reforma, las lenguas extranjeras han asumido ahora la condición de asegurar el conjunto de conocimientos esenciales al estudiante para acercar otras culturas y su integración con el mundo globalizado.

Palabras clave: Carneiro Leão; reforma de la lengua extranjera; método directo.

1 Introdução¹

No Brasil, ao longo dos anos de 1930 a 1934, ocorreu a reforma das línguas estrangeiras no Colégio Pedro II. Era necessária a figura de um professor e intelectual brasileiro para implementar e coordenar essa reforma no Brasil. Antonio Carneiro Leão (1887-1966)² foi, portanto, a figura brasileira responsável por cuidar dessa tarefa no quadro de ensino de línguas estrangeiras no Colégio Pedro II. Para os interessados acerca de suas atividades exercidas no cenário político-educacional, sugerimos a consulta aos textos de Lima e Machado (2015), Chaguri e Machado (2017a; 2018).

Nesse sentido, o objetivo desse texto é apresentar como se constituiu o processo da reforma das línguas estrangeiras de forma singular nas ações pedagógicas de Carneiro Leão no Brasil. Foi nessa reforma que a atuação deste intelectual e professor-chefe de francês se tornou expressiva por ser o responsável por implementar um novo método de estudo no currículo escolar. Trata-se do método direto (em inglês *direct method*).

Este método surgiu no contexto nacional por meio da reformulação do currículo de línguas estrangeiras, no ensino secundário³, do Colégio Pedro II e demais instituições equiparadas ao seu modelo de educação, ocorrido pela Reforma Francisco Campos e subsidiado pelo Governo Federal em 1930. Esse método destina-se aos estudos das línguas estrangeiras (francês, inglês e alemão) no Brasil. Ele consiste em que os estudantes aprendam outra língua, comunicando-se na própria língua em estudo, sem intervenção de sua língua materna.

Os precursores do método direto estão associados às raízes do método natural para o ensino de línguas com Michel Montaigne (1533-1592), John Locke (1632-1704), Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). Estes pensadores e intelectuais da educação buscavam propor um ensino de línguas para crianças em conversas de forma natural, sem o emprego de regras gramaticais. Como não havia espaços escolares na época destes pensadores dos séculos XVI, XVII e XVIII,

¹ Neste texto, as citações das obras de Carneiro Leão estão todas transcritas originalmente com a ortografia da norma culta padrão da época em que foram publicadas.

² Antonio Arruda Carneiro Leão (1887-1966) foi professor e educador brasileiro. Ele sempre esteve envolvido com debates educacionais e sociais da nação brasileira. Formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Recife em 15 de dezembro de 1911. Sua vida profissional foi bem eclética e agitada. Foi fundador e diretor de jornais da imprensa no Rio de Janeiro e Recife, membro de institutos, associações e academias, tais como: Associação Brasileira de Educação – ABE; Academia de Ciência de Lisboa, Instituto Americano de Direito Internacional e dentre outros. Foi autor de inúmeros livros no Brasil e no exterior.

³ Atualmente, o ensino secundário corresponde aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio.

o método natural era usado, exclusivamente, para ensinar outro idioma para as crianças em suas próprias residências, por uma prática denominada de tutoria.

A base teórica do método direto está direcionada pela ciência denominada de fonética. “A importância atrelada à fonética deve estar associada à busca pela pronúncia ideal, que deve ser considerada como um grande progresso alcançado pela pedagogia moderna” (Gomes, 2018, p. 164). Estudar os sons da língua, em meados do século XIX, era o valor dado por este método.

Os estudos dos teóricos da ciência fonética — como Wilhelm Viëtor (1850-1918), Paul Passy (1859-1940), Otto Jespersen (1860-1943) e Henry Sweet (1845-1912) — e das ações realizadas pela Associação Fonética Internacional repercutiram na consolidação teórica do método direto a fim de atender a reforma do ensino de línguas na Inglaterra (Gomes, 2015).

Essa reforma consistia em romper com o ensino tradicional, que se caracteriza ensinar um idioma por meio de estudo de regras gramaticas e exercícios de tradução, pautado no método de gramática e tradução. O método direto foi introduzido na Inglaterra pelo linguista inglês Henry Sweet (1845-1912) no final do século XIX. Nos Estados Unidos, neste mesmo século, o método direto foi proposto pelo professor Lambert Sauveur (1826-1907), após a reforma da Inglaterra (Chaguri; Machado, 2020).

Assim, para melhor exposição que facilite a exposição dos resultados deste artigo, dividir-se-á em quatro partes este texto. Primeiro, apresenta-se um panorama geral do estudo ao leitor. Segundo, considera-se a produção teórica de Carneiro Leão importante para apresentar os resultados obtidos com a reforma das línguas estrangeiras no ensino secundário no Colégio Pedro II. Terceiro, discute-se a posição de Carneiro Leão para a reforma das línguas estrangeiras no país. Na quarta parte, então, apresentam-se as conclusões pelas quais foi realizada uma análise final de todo o texto e registramos todas as fontes que foram utilizadas para a elaboração deste estudo.

2 Produção teórica de Carneiro Leão na reforma das línguas estrangeiras

Dois anos antes da reforma do ensino de línguas, empreendida por Carneiro Leão, no Brasil, em 1930, os cafeicultores enfrentaram dificuldades com a crise de 1929. O valor das vendas externas do café “[...] naquele ano caiu em 35%” (Fausto, 2012, p. 47). A causa do declínio do café em 1930 foi a crise mundial do capitalismo. A superprodução da indústria norte-americana desencadeou o mercado interno a uma exacerbada produção para além de suas necessidades. Com isso, o mercado internacional não conseguiu acompanhar essa produção de larga escala, perdendo o seu poder de compra dos produtos. Isso tudo ocorrera como consequência da crise do capital.

Os EUA, sem conseguirem vender no mercado interno, foram obrigados a reduzir as compras de produtos de outros países. Isso agravou a economia dos países que necessitavam exportar para os norte-americanos. Foi o caso do Brasil, que cessou suas vendas de milhares de sacas de café para o mercado norte-americano, instaurando no país uma crise econômica que resultou na falência de muitos cafeicultores e na recessão do país. A crise do café atingiu inúmeros setores da economia brasileira. Isso ocorreu porque boa parte do capital econômico das elites brasileiras estava investida no café. A atividade de cafeicultura no Brasil movimentava a economia no país por seu expressivo lucro na exportação do produto e pela sua importação que sustentava as atividades econômicas do país.

A crise da cafeicultura brasileira vinculava-se diretamente à “[...] situação financeira do país” (Fausto, 2012, p. 286). O enfraquecimento econômico dos cafeicultores significou o declínio de seu poder, contribuindo, então, para desestruturar as bases políticas que organizavam o poder da República Velha ou Primeira República (1889-1930). Isso ganhou força nas eleições de 1930, momento no qual seria indicado o nome do presidente que serviria como sucessor de Washington Luís na presidência.

A elite política de São Paulo e a do estado de Minas Gerais não chegaram a um consenso quanto à indicação do nome que sucederia a Washington Luís. Para a eleição presidencial de 1930, os fazendeiros do café, em São Paulo, aliaram-se ao candidato Júlio Prestes, do Partido Republicano Paulista (PRP), mas, por outro lado, o estado de Minas Gerais não teve a mesma posição que São Paulo. Minas Gerais apoiou para eleição Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, na época o governador do Estado vinculado ao Partido Republicano Mineiro (PRM) (Camargo, 1983).

Ao lançar Getúlio Vargas e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (governador do estado da Bahia) às eleições presidenciais em 1930, a Aliança Liberal (AL)⁴ apresentou um quadro de propostas que agradou à elite política e aos militares. Esse quadro apresentava um programa de reformas no qual as principais medidas estavam na instituição do voto secreto (medida tomada para acabar com fraudes nas eleições e a pressão dos coronéis), na elaboração das leis trabalhistas e no incentivo para o mercado industrial.

Após a apuração dos votos para a presidente do Brasil em 1 de março de 1930, o principal candidato adversário da AL, o paulista Júlio Prestes de Albuquerque do PRP, havia saído vitorioso das eleições e derrotado o candidato da AL (Getúlio Vargas). Entretanto a AL, representada pela elite política dos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, alegou que o PRP havia fraudado as eleições para eleger Júlio Prestes.

⁴ Um grupo de políticos que era formado por líderes dos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba.

A revolta se instaurou nas ruas, atingindo vários setores da sociedade civil (militares, operários, profissionais liberais etc.). Era nítido o clima de revolta no país. A célebre frase: “[...] façamos a revolução, antes que o povo a faça” (Oliveira, 1983, p. 521), pronunciada pelo governador Antônio Carlos, do estado de Minas Gerais, revelava que o grupo de políticos que formavam a AL estava preocupado com a insatisfação dos “[...] grandes movimentos populares” (521), pois havia clareza dos fatos de que era necessário agir rapidamente para assumir o controle do quadro político no país.

De acordo com Fausto (2012), em 26 de julho de 1930, o episódio do assassinato do vice da chapa de Getúlio Vargas (o paraibano João Pessoa) por motivos políticos e pessoais, após a eleição à presidência, incendiou o clima de revolta, levando o grupo de políticos da AL a se opor fortemente contra os opositores do governo.

No dia 3 de novembro de 1930, no Palácio do Catete, Getúlio Dornelles Vargas ascendia ao poder como chefe político da Revolução de 1930. Dava-se, então, o início da Era Vargas ou período getulista (Governo Provisório [1930-1934], Governo Constitucional [1934-1937] e Estado Novo [1937-1945]). Esse período iniciou-se após a crise de superprodução de ano de 1929 e, sobretudo, com a Revolta de 1930, “[...] num forte movimento de opinião” (Lourenço Filho, 1944, p. 13).

Após a Revolução de 30, então, o Brasil iniciou a sua projeção rumo ao processo de industrialização e urbanização. Em 1933, a produção industrial demonstrou ser superior ao valor da produção agrícola. As pessoas escolhiam cidades como Rio de Janeiro e São Paulo para habitarem pela oferta de trabalho que existia nos grandes centros urbanos e no interior com as atividades agrícolas. Com isso, Rio de Janeiro e São Paulo já ultrapassavam a estimativa de um milhão de pessoas em plena década de 1930 (Martins, 1983; Abreu, 2007). Na Europa, o capital se expandia em busca de novos mercados, invadindo todo o mundo e necessitando criar vínculos em todos os lugares para o desenvolvimento de um intercâmbio universal.

Para que fosse possível a expansão do ensino no país, eram necessárias a organização e a difusão da escola pública primária e a instrução popular. Propagando essas ideias, Carneiro Leão, então, iniciou uma campanha em prol da educação popular (educação primária, comum, voltada a toda a população, de responsabilidade do governo), com o intuito de difundir a escola pública. Só assim é que, após os primeiros dois anos da década de 1930, haveria, então, a possibilidade da difusão de uma reforma no ensino secundário.

Com a posse de Vargas como chefe político ditatorial no Brasil, os projetos desenvolvidos em seu governo, para a criação de um sistema de ensino que consolidasse as necessidades de educação do país, colocariam o estudo das línguas estrangeiras em um lugar de destaque, levando o governo federal a acionar novos planos e estratégias que permitissem à educação do país passar por uma reforma em seu ensino.

O estudo das línguas estrangeiras no ensino secundário “[...] foi sempre um dos pontos mais fracos da educação secundária brasileira” (Carneiro Leão, 1935, p. 17). Por essa razão, as línguas estrangeiras no ensino secundário passaram por uma nova estruturação com relação à forma de se ensinar e estudar as línguas estrangeiras (inglês, francês e alemão) no governo ditatorial de Vargas.

As medidas tomadas por Vargas na economia não foram resultadas das ações de seu governo provisório, mas, sobretudo, das circunstâncias decorrentes da crise mundial e dos interesses da burguesia industrial. Na área da cafeicultura, uma das medidas tomadas por ele foi comprar o “[...] café com receita derivada do imposto de exportação, e do confisco cambial, ou seja, de uma parte da receita das exportações, e destruiria fisicamente uma parcela do produto” (Fausto, 2012, p. 285). Esperava-se com essa medida reduzir a oferta e segurar os preços. Com a queima de milhares de sacas de café foi impossível controlar a crise.

Não só no plano econômico, mas no plano político, as medidas de centralização do governo provisório de Vargas ganharam forças no cenário nacional logo em que ele subiu ao poder. As oligarquias regionais de 1930 buscavam a reconstrução do Estado nos moldes tradicionais com os quais estavam acostumados a viver e a governar o país.

Com relação aos aspectos educacionais, desde que subiu ao poder, o governo ditatorial de Vargas se preocupou com a educação do país. A educação era vista como uma das formas de levar o Brasil à modernidade. Em outras palavras, a educação tinha como principal objetivo “[...] formar uma elite mais ampla, intelectualmente mais bem preparada” (Fausto, 2012, p. 287) a fim de compor o ideal de desenvolvimento europeu e norte-americano no país.

Para que as palavras do professor Carneiro Leão ganhassem sentido nos enunciados da política brasileira, foi necessária a criação de um órgão que regesse os projetos, planos e metas para a educação do Brasil. Por isso, com o decreto nº 19.402, em 14 de novembro de 1930 foram criados o Ministério da Educação e Saúde Pública e as Secretarias de Educação nos Estados. Um ano mais tarde, em 1931, criou-se o Conselho Nacional de Educação – CNE. Hoje, o atual CNE é o órgão integrante do MEC para assessorar o ministro da Educação.

Não se sabe ao certo em que ponto da história se inicia a reforma das línguas estrangeiras ou do ensino secundário, pois, conforme declara Chagas (1967, p. 103), “[...] a evolução do ensino das línguas no Brasil confunde-se com a história da própria escola secundária brasileira”, ou seja, uma está contida na outra, e, assim, acabam por integrar o seu todo. É por isso que há de se considerar que, com a criação do Ministério da Educação em 1930, a educação secundária passaria por uma importante renovação na qual seria desenvolvida em seu espírito uma qualidade ativa e dinâmica, fortalecendo a educação do homem para todos os setores de atividades na nação brasileira.

Portanto, em 1931, o sistema educacional brasileiro passaria pela sua reforma, conhecida na história do país como reforma Francisco Campos, cuja finalidade instaurava-se, então, em erguer “[...] a educação de segundo grau do caos e do descrédito em que fôra mergulhada” (Chagas, 1967, p. 109). A reforma Francisco Campos buscava preparar o homem urbano para o ensino superior, dando-lhe uma formação técnica e prática para atingir todos os grandes setores da sociedade.

Em 1931, o Colégio Pedro II, tido na época como estabelecimento padrão do ensino secundário no país, reorganizou a disciplina das línguas estrangeiras na Reforma Francisco Campos empreendida pelo governo ditatorial de Vargas. Vale destacar que o Colégio Pedro II era tido como um modelo às demais escolas que seguiam o seu padrão de ensino. Era a única instituição pública que realizava exames que proporcionava ao estudante do antigo ensino secundário o ingresso aos cursos do ensino superior⁵.

Devido a essa organização que ocorreu no Pedro II, deu-se, então, início à reforma das línguas estrangeiras. Foi nessa reforma que a atuação de Carneiro Leão como professor-chefe de francês se tornou expressiva, por ser o responsável por implementar um novo método de estudo no currículo da referida escola. Na reforma, era necessária a figura de um professor-chefe, pois sua função era não só supervisionar e orientar seus professores nas questões de ensino, mas também tratar de assuntos do âmbito administrativo.

Para Carneiro Leão (1934, p. 7), o momento parecia propício para uma “[...] experiência de reforma radical” na forma de se ensinar as línguas estrangeiras no ensino secundário. Para isso, seria o próprio governo federal que empreenderia a reforma. O professor Delgado de Carvalho, na época diretor do externato do Pedro II, endossou a reforma que o ministro Francisco Campos implementou nos estabelecimentos secundários oficiais. Contudo, antes que a reforma fosse aplicada, o professor Delgado de Carvalho deixou a direção do estabelecimento de ensino. O seu sucessor, o professor Henrique de Toledo Dodsworth, levou à frente o plano da reforma, nomeando uma comissão para organizar as instruções da reforma das línguas estrangeiras, a qual foi posta em prática em 27 de fevereiro de 1932.

A comissão compunha-se pelos professores Delgado de Carvalho; Adrien Delpech; Antenor Nascentes; Julio Nogueira; Oswaldo Serpa; e Carneiro Leão. Já composta, a comissão discutiu por dias consecutivos e, por fim, elaborou a instrução que organizaria o espírito de trabalho do francês e dos demais idiomas no Colégio Pedro II, resultando na Instrução para Execução do decreto nº 20.833, de 21 de dezembro de 1931. A instrução foi publicada em Diário Oficial do RJ, em 9 de março de 1932.

⁵ Atualmente, o Colégio Pedro II continua sendo uma instituição de referência, sendo, portanto, mantida pelo governo federal. O Colégio está localizado no Rio de Janeiro.

Com a comissão instaurada, Carneiro Leão foi o responsável por implementar novas orientações propriamente metodológicas na reforma das línguas estrangeiras no Colégio Pedro II. Ele se preocupou efetivamente por mostrar esforços dos aspectos apreendidos na renovação da reforma e nos fatos mais notáveis do estudo das línguas estrangeiras.

Diante dessa conjuntura, Carneiro Leão viu a possibilidade de se reformar o ensino das línguas estrangeiras no país, para que essa disciplina do currículo secundário estivesse em consonância com as necessidades de urbanização e industrialização do país a partir da década de 1930. Para isso, Carneiro Leão desenvolveu uma série de ações pedagógicas para reformar o ensino das línguas no ensino secundário. Chaguri (2020) discute todas essas ações em seu livro e, sumariamente, elas são retomadas para melhor construir os enunciados que estão a cargo deste texto. A saber:

- a) carga horária adotada ao estudo das línguas estrangeiras;
- b) formação de novas turmas a fim de diminuir a quantidade de alunos em sala por disciplina (francês, inglês e alemão) para o professor auxiliar ter melhor controle do ensino;
- c) contratação de novos professores para ministrarem as disciplinas de línguas estrangeiras;
- d) atividades complementares (clube de conversação para prática da oralidade e troca de correspondência das turmas de francês com os estudantes do ensino secundário da França; uso do laboratório de línguas e de disco e rádio nas aulas);
- e) elaboração de um material didático que atendesse aos propósitos do novo ensino;
- f) implantação do método direto (novo método) que acabou por oferecer, ao currículo secundário do país, o estudo das línguas estrangeiras (francês, inglês e alemão) por um processo mais prático e dinâmico no qual a língua era vista como viva e real. Era priorizado o trabalho com vocabulário e questões do dia a dia do aluno no desenvolvimento da educação linguística dos estudantes.

Essas medidas acabaram por configurar a reforma das línguas estrangeiras no currículo do Colégio Pedro II e das escolas que estavam equiparadas ao seu modelo de ensino no plano secundário. Por essa razão, no conjunto das suas duas obras (Carneiro Leão 1934; 1935) relacionadas à reforma das línguas estrangeiras, Carneiro Leão deixa claro as aspirações contidas dentro de suas ações pedagógicas dirigidas e atendidas na reforma Francisco Campos por meio da publicação da Instrução da Reforma (Chaguri; Machado, 2017b). Seus ideais direcionavam-se para uma organização a fim de igualar o *status* das línguas estrangeiras com as demais disciplinas do currículo.

Estudar as ciências biológicas e as próprias ciências sociais experimentalmente e limitar as línguas vivas à preocupação de discussões gramaticais de traduções de textos literários, em sua maioria sem comunhão nem com o nosso tempo, nem com as aspirações dos alunos e a finalidade de sua preparação atual, é cultivar a paixão da incoerência (Carneiro Leão, 1935, p. 18).

Com o avanço e desenvolvimento da cultura europeia no mundo, começou-se a sentir a necessidade de se implementar novas línguas estrangeiras no currículo secundário, pois a cultura clássica foi perdendo o seu prestígio, pela nova ordem social que exigia um homem mais ativo e dinâmico diante dos avanços da industrialização do país mas, por outro lado, tentando conservar a sua tradição. Pelo pouco interesse de se estudar línguas clássicas (grego e latim), uma vez que ao lado dessas línguas já se configurava o estudo das línguas estrangeiras, somente o latim persistia como representação de uma figura clássica na formação intelectual dos estudantes do século XIX.

Com a entrada do século XX, o grego já não fazia mais parte dos estudos clássicos no currículo secundário da Europa e nem no Brasil. E, ao mesmo passo, encontrava-se o latim, agora com sua tradição decaindo pelo fato de a França e a Alemanha os considerarem como “[...] línguas mortas” (Carvalho, 1940, p. 319), perdendo, então, a obrigatoriedade de estudo em seus planos de ensino nas escolas.

Na transição do século XIX para o século XX, a Europa preparava uma profunda modificação na metodologia do ensino de línguas estrangeiras. Em vista dessa transformação, o governo brasileiro, em 1895, deliberou ações para que “[...] o professor M. Said Ali, do Collegio Pedro II, estudasse na Alemanha, na Suíça e em França os novos sistemas, principalmente o *methodo directo*” (Carvalho, 1940, p. 320).

Said Ali inspirou Carneiro Leão a implementar o método direto na reconfiguração do currículo do ensino secundário no país. O método, além de ser inovador para a década de 1930, proporcionaria aos estudantes das línguas estrangeiras do ensino secundário, um avanço na forma de ler e falar, sendo, portanto, possível integrar a formação do homem no avanço da expansão da urbanização e industrialização do país.

O estudo das línguas estrangeiras, que até então pertencia à tradição humanista⁶, passou a ser olhado pelo viés utilitarista, garantindo, portanto, um caráter de necessidade de estudo no espaço escolar, para suprir a necessidade de formação do novo homem, ligado à indústria e ao comércio.

⁶ Trata-se de um ensino voltado às necessidades e ao bem-estar do ser humano. Portanto, coloca-se o conhecimento técnico que se traduz pelas disciplinas escolares e as relações humanas em harmonia.

No I Congresso Internacional dos Professores de Línguas Vivas, que ocorreu em 14 de abril de 1909, em Paris (França), imbuído pelo espírito de progresso social e cultura, os professores de línguas que ali se faziam presentes aprovaram por unanimidade de votos as propostas elaboradas por Ferdinand Brunot, um professor de história francesa na Sorbonne. Nesse Congresso, ao ler seus escritos, Carneiro Leão (1935) destacou as três principais propostas ligadas à reforma das línguas estrangeiras no Brasil.

1º) Em cada nação, para bem indicar qual é o objeto de seu ensino, os professores de línguas modernas passam a ser chamados professores de línguas e de civilizações estrangeiras;

2º) Longe de reduzir-se a papel acessório e exclusivamente prático, o ensino assim denominado será elevado à dignidade a que lhe dá direito seu papel na formação individual e coletiva dos espíritos;

3º) Este ensino, conjugado ao ensino da língua e da literatura nacionais, será a base de um ensino moderno com seus discípulos, seus mestres, seus estabelecimentos próprios e gosando de prerogativas iguais às conferidas às disciplinas cujo objeto é o estudo da antiguidade (Carneiro Leão, 1935, p. 58).

O estudo das línguas seria garantido pela entrada do método direto, o qual daria às línguas estrangeiras um caráter prático, ou seja, útil, mas sem perder o *status* de promotor das humanidades. O estudo das línguas estrangeiras promoveria o desenvolvimento da sociedade por meio da industrialização e urbanização no país.

Para nós, de facto, uma língua viva representa uma cultura complementar indispensável, dada a deficiência do português, como língua científica e comercial. Se, até certo ponto, os estudos secundários podem ser feitos em língua pátria, qualquer especialização, qualquer pesquisa, qualquer estudo universitário requer a consulta de obras em língua estrangeira (Carvalho, 1940, p. 321).

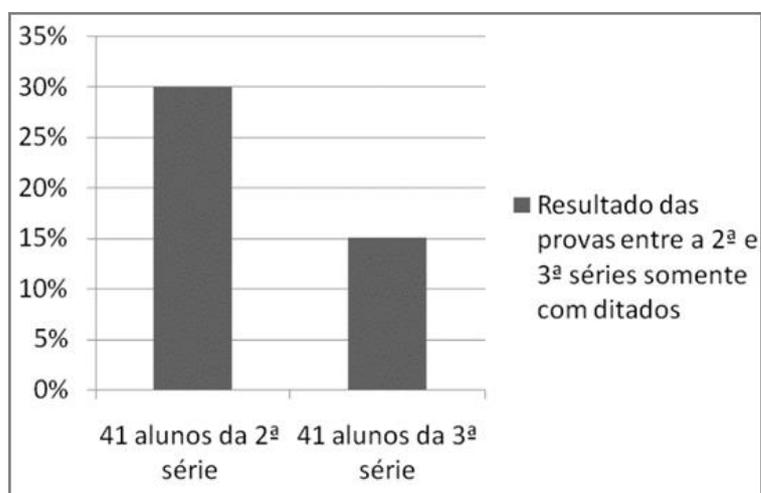
As línguas estrangeiras (francês, inglês e alemão), implementadas pela reforma Francisco Campos, são indispensáveis como instrumento de cultura, pois, enquanto, para outros países, não conhecer uma língua estrangeira significava limitar-se ao acesso de diferentes culturas, no caso do Brasil, fecharia “[...] as portas ao mundo intelectual e científico moderno” (Carneiro Leão, 1935, p. 59).

Nessas condições, a reforma das línguas estrangeiras no país buscava, por meio do método direto, a ascensão social de capital com relação ao destaque do desenvolvimento da nação, devendo “[...] visar duas línguas estrangeiras obrigatórias, para não continuarmos, como até bem pouco tempo, quase tributários de um único idioma estrangeiro para a nossa cultura superior” (Carvalho, 1940, p. 321).

Para comprovar os resultados que a reforma das línguas estrangeiras trouxera na reconfiguração do currículo no ensino secundário, Carneiro Leão mostrou os resultados a partir da aplicação de avaliações nas turmas do plano secundário de francês (para a 2ª e a 3ª séries) e inglês (para a 2ª e a 4ª séries), sob a égide dos dois métodos, o clássico (método gramática e tradução) e o moderno (método direto), a fim de comparar o êxito desses métodos na aprendizagem dos idiomas estudados.

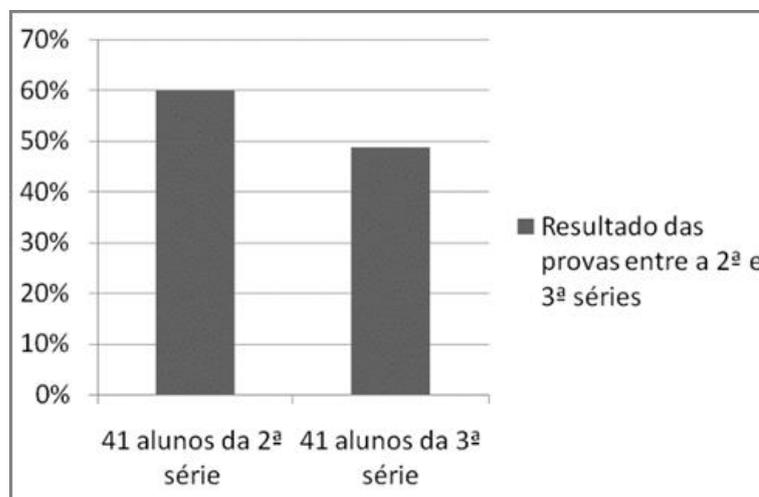
Uma parte da segunda série fez um ditado com o livro "Curso de Francês" e, depois, respondeu às questões das provas. Ao comparar as provas dos 41 alunos da segunda série com as dos 41 alunos da terceira série (soma total das turmas que eram divididas em até 20 alunos), teve-se "[...] um grau médio de 60 para a segunda e 48.8 para a terceira, isto é, 11,2 pontos a mais para aquela. Se se levasse em conta unicamente o ditado, o resultado seria grau médio 30 para a segunda e 15 para a terceira" (Carneiro Leão, 1934, p. 35). Para melhor exemplificação desses resultados, os Gráficos 1 e 2 mostram essa estimativa das provas aplicadas nas turmas de francês do plano secundário no Colégio Pedro II.

Gráfico1 - Resultado das provas entre as segunda e terceira séries para turmas de francês



Fonte: Elaborado pelo autor.

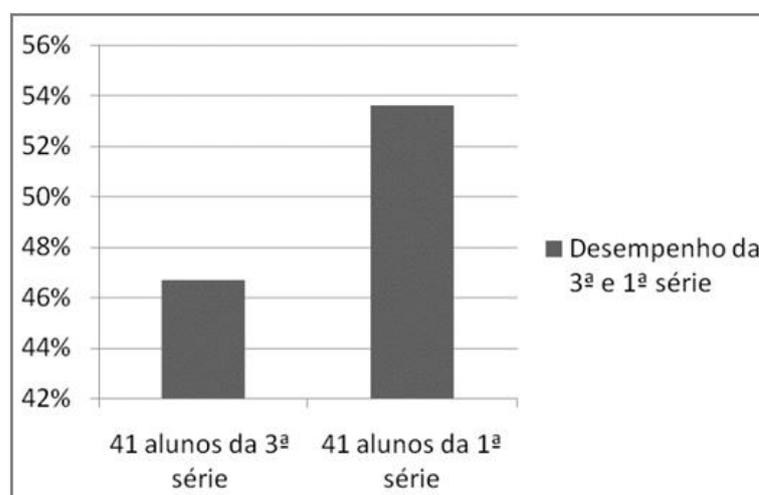
Gráfico 2 - Resultado das provas somente com ditados entre as segunda e terceira séries para turmas de francês



Fonte: Elaborado pelo autor.

Carneiro Leão (1934, p. 36) acentua que, comparando-se a terceira série do secundário com a primeira na resolução das dez questões que continham a prova, o resultado foi “[...] grau médio em 41 alunos de 46,66 para a terceira e de 53,6 para o mesmo número de alunos” da primeira série. Isso demonstra um desempenho satisfatório dos alunos no curso de francês com o uso do novo método (método direto) nas aulas do secundário.

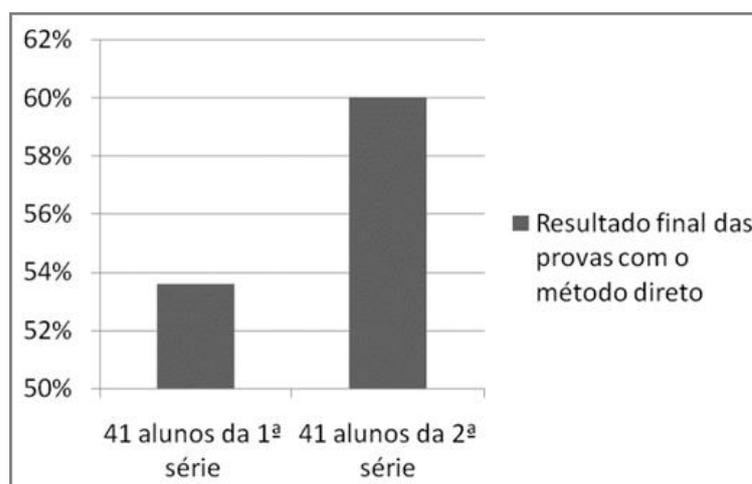
Gráfico 3 - Desempenho geral na resolução de questões entre a terceira e a primeira série no curso de francês



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses resultados demonstram que, ao se comparar os estudantes da primeira série, com uma estimativa total de 53,6%, e com os da segunda série, com 60%, os índices finais demonstram que a possibilidade “[...] de fazer frases” (Carneiro Leão, 1934, p. 36) e de “[...] construí-las corretamente” (p. 36) com o uso do método direto é melhor do que com o método clássico.

Gráfico 4 - Resultado final do desempenho dos estudantes na aplicação do método direto



Fonte: Elaborado pelo autor.

Contudo, vale destacar os resultados com o método clássico (método de gramática e tradução). A mesma experiência, realizada no curso de francês, foi aplicada para a segunda série do curso de inglês. Para a ocasião, Oswaldo Serpa, professor de inglês no Colégio Pedro II, aplicou uma avaliação aos estudantes da segunda e depois da quarta série sobre os princípios do método clássico. Para melhor formatação, os resultados dessa avaliação estão ilustrados na figura 1.

Figura 1 - Resultado dos testes com o método clássico

<i>2.^a série (2.^o ano) ano inicial de inglês :</i>			
Turmas	Porcentagem de acerto	Turmas	Porcentagem de acerto
3	70%	14	44,1%
1	67%	9	42,8%
16	57%	6	33,3%
17	52,9%	11	32,05%
4	47,6%	5	28,9%
19	47%	13	25%
12	46,1%	20	22,75%
15	45,8%	7	21,5%
18	45%	2	16%
10	44,7%		

<i>4.^a série (4.^o ano) ano final de inglês :</i>			
Turmas	Porcentagem de acerto	Turmas	Porcentagem de acerto
A.	27,5%	D.	15%
B.	25%	C.	12,5% (.)

Fonte: Carneiro Leão, (1934, p. 36).

Na perspectiva de Carneiro Leão (1934), as porcentagens da quarta série estão menores que da segunda série. Isso comprova que o método direto atendia aos princípios adotados pelo novo currículo do ensino secundário. Sendo assim, o novo método (método direto) é que estaria possibilitando aos estudantes melhor rendimento nas aulas de língua estrangeira.

Além dessas avaliações aplicadas nas turmas dos cursos de francês e inglês, outra avaliação, desta vez, um exame oral foi aplicado para testar a compreensão completa da língua aos estudantes que eram aprovados da segunda para a terceira série no secundário. Carneiro Leão (1934) alegava que o vocabulário, ensinado de forma ativa, conduz o estudante a compreender e memorizar mais um número maior de palavras da língua-alvo, fazendo com que esses vocabulários possam fazer "[...] parte do patrimônio cultural do aluno, traduzindo-se na ideia ou no fato representado com muito maior rapidez e segurança" (Carneiro Leão, 1934, p. 37).

Um fator significativo nas vantagens de se utilizar o método direto nas aulas de línguas estrangeiras está expresso na diferença dos alunos que foram disciplinados a estudar os idiomas estrangeiros por esse método no Colégio Pedro II e por aqueles que foram educados no estudo das línguas pelo método clássico e que vinham de outras escolas transferidos para a segunda ou terceira série do colégio.

Enquanto os estudantes do Colégio Pedro II compreendem perfeitamente as explicações exclusivamente em francês, os vindos de fora geralmente nada ou quase nada compreendem. [...] O hábito de ouvir frases corretas, de pronunciar-las e de escrevê-las bem, de fazer sentenças com elementos gramaticais determinados, dão ao aluno muito cedo não só mais facilidade para compor, se não ainda maior consciência gramatical (Carneiro Leão, 1935, p. 295).

A chegada dos estudantes de outras escolas para o Colégio Pedro II demonstra, portanto, que o uso do método direto nos estudos das línguas estrangeiras marchava para formação de um homem que estivesse inserido no desenvolvimento da sociedade por meio da industrialização e urbanização.

As vantagens de se utilizar o método direto, indicado pela Instrução da Reforma (Chaguri; Machado, 2017b), não são apenas comprovadas pelo desempenho dos alunos nas avaliações, mas pelos ilustres personagens que visitaram as turmas de inglês e francês no Colégio Pedro II. Nas oportunidades em que Carneiro Leão foi professor-visitante em universidades norte-americanas dos EUA, ele teve contato com outros renomados professores que lá atuavam nessas universidades, tornando-se, então, conhecedor de seus trabalhos.

É, portanto, fruto dessa experiência nas universidades do exterior que Carneiro Leão (1935, p. 295) passa a receber esses “[...] viajantes ilustres”, como ele os denominava, os quais se interessaram pelo ensino das línguas estrangeiras no Colégio Pedro II, conhecendo, então, de perto, o trabalho que Carneiro Leão desempenhou enquanto foi professor-chefe de francês.

No final de 1932, o primeiro personagem a testificar os resultados do ensino das línguas estrangeiras com o novo currículo no Colégio Pedro II foi o professor americano John C. Granbery. Após uma longa visita às aulas de inglês e francês do colégio, o professor John Granbery escreveu ao diretor do Colégio Pedro II as seguintes palavras:

Tive o privilégio de assistir aulas de inglês das professoras M. Hull e Maria Guimarães e uma aula de francês da professora Madeleine Manuel, observando os resultados do método direto no ensino de línguas estrangeiras. Não é possível duvidar-se de que estes jovens estejam de fato aprendendo a língua que estudam o que se não pode dizer de muito ensino de línguas estrangeiras. Em meu próprio país, a não ser nos grandes centros, o ensino de línguas estrangeiras é, em geral, abominável. Embora sejam a filosofia, a sociologia, a antropologia e a história as matérias a cujo ensino me dedico, sempre tive interesse na aquisição das línguas estrangeiras. O método empregado em vosso estabelecimento de ensino, a jurar pelo que me foi dado observar, está em perfeito acordo com as convicções que, sobre o assunto, tenho há muito (Carneiro Leão, 1935, p. 295-296).

Com relação ao francês, Carneiro Leão presenteia-nos com os relatos de três “[...] grandes mestres da língua francesa” (Carneiro Leão, 1935, p. 296). São eles: Robert Garric, professor de literatura em *L’Ecole Normale Superieure*; Georges Ascoli, professor de literatura na Sorbonne; e o escritor Luc Durtain.

Consta na obra *Memória Histórica do Colégio Pedro II* (Doria, 1937) a visita do professor Roberto Garric às aulas de francês. Quanto a isso, Doria (p. 305) disse: “[...] interessou-se o professor Garric pelo ensino de Línguas Vivas no Colégio, assistindo às aulas de Francês ministradas pelo Método Direto”. Após a sua visita de quatro horas em diferentes turmas das primeira, segunda e terceira séries do secundário, Robert Garric teceu seu comentário acerca do que vira nas aulas.

Pude facilmente nas classes do primeiro, do segundo e do terceiro ano, apreciar os resultados do novo método de ensino direto. E é precisamente a esse método que quero referir. No terceiro ano uma classe está absorvida pela tradução de um texto de Paul Bourget. E assisti a este exercício. Cada aluno traduz com facilidade e rapidez. A passagem de uma língua para a outra lhe é familiar e as perguntas feitas em francês a propósito do texto, são motivo de interpretações variadas na mesma língua. [...] Resultados. – Os resultados surgem. Fato notável, as classes são feitas unicamente em francês. A língua não é apenas conhecida em suas regras e em sua gramática, mas ainda – e isto é importantíssimo – vivida em sua prática. Os nossos torneios de frases, as nossas sutilezas, pouco a pouco tornam-se familiares aos alunos que não temem falar porque o habito lhes vem desde o começo do estudo da língua, tanto da pronuncia, quanto dos torneios de frases e da composição (Carneiro Leão, 1935, p. 296-299).

É pertinente destacar que, no início da carta do professor Robert Garric, ao mencionar a prática de tradução de um texto do escritor Paul Bourget na terceira série do curso de francês, as atividades de tradução e versão para essa série já se constituíam como exercícios obrigatórios no programa de ensino do Colégio Pedro II.

Outros dois “[...] viajantes ilustres” (Carneiro Leão, 1935, p. 295) manifestaram suas opiniões quanto ao trabalho desenvolvido no Colégio Pedro II. Primeiro, transcreve-se o excerto do relato do professor Georges Ascoli, que escreveu ao professor dirigente de francês, Carneiro Leão, a seguinte carta:

O senhor viu minha surpresa e meu encantamento, diante dos alunos do primeiro ano que, no fim de alguns meses apenas, compreendiam e até falavam uma língua da qual nada conheciam antes. O que eu vi nesse primeiro ano, tão bem conduzido pela mestra, é o melhor argumento que se possa fazer valer em favor do método aplicado. O resultado aí está falando mais alto do que todos os julgamentos. Eu pude observar na segunda e na terceira série que o ensino da gramática, dado na própria língua estudada, não é uma quimera. Devo mesmo reconhecer que, naquilo que diziam ou escreviam os alunos, não havia mais erros do que os cometidos pelas crianças francesas da mesma idade. Os resultados obtidos nesses três primeiros anos são os mais encorajados. É evidente que depois de haver, durante três anos, habituado, assim, os alunos a falar em Francês e a conhecer um pouco as cousas da França pela conversação, seria extremamente útil aperfeiçoá-los no conhecimento da língua e, para a formação intelectual de todos eles faze-los ler e discutir um certo numero de belos textos escritos na língua estrangeira. Os alunos de quarto e de quinto ano, aos quais serão aplicados esse método nos próximos anos estão em uma idade, em que esse genero de exercício poderá ser particularmente salutar (Carneiro Leão, 1935, p. 299-300).

Ao final de sua carta, o professor Georges Ascoli se mostra apreensivo com relação ao quadro de horas reservado para o estudo das línguas no Colégio Pedro II. O decreto n.º 19.890, de 18 de abril de 1931 (Brasil, 1931), consolidado pelo decreto n.º 21.241, de 4 de abril de 1932 (Brasil, 1932), não menciona qual a carga horária destinada às séries do secundário para o estudo das línguas estrangeiras no Colégio Pedro II.

Contudo, por meio dos relatos de Carneiro Leão (1934), elaborou-se o quadro 1 com o propósito de expor a carga horária do ensino de línguas estrangeiras, destinada a cada série do secundário. Nesse sentido, para o estudo da língua inglesa, na terceira série do secundário, as horas destinadas ao estudo eram de 3h, e, na quarta série, de 2h.

Quadro 1 - Anos de estudo e horas semanais das línguas estrangeiras no ensino secundário no novo programa de ensino

IDIOMAS	PLANO DO CURSO SECUNDÁRIO					
	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE	5ª SÉRIE	6ª SÉRIE
Francês	3 horas	3 horas	2 horas	1 horas	---	---
Inglês	---	3 horas	3 horas	2 horas	---	---
Alemão (facultativo)	---	---	---	3 horas	3 horas	---
Latim	---	---	---	3 horas	3 horas	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em todos os relatos, sem que os professores tomassem conhecimento das palavras do outro, e em momentos diferentes, os comentários desses renomados professores, segundo Carneiro Leão (1935, p. 303), assemelhavam-se em “[...] pontos importantes [...] e que são extremamente honrosos”. Primeiro, todos os professores destacaram a alegria dos estudantes durante as aulas de francês, pois “[...] é a aprendizagem que corresponde ao interesse vital da criança. É a maior recomendação à aplicação que nós procuramos fazer do método direto, cientificamente interpretado” (Carneiro Leão, 1935, p. 303-304).

Todos mencionaram em suas cartas a impressão que tiveram com relação à forma com que os estudantes faziam as associações da prática da língua com a correção dos aspectos gramaticais e de seu conhecimento, pois, para realizar tal correção, o estudante havia de conhecer e/ou apresentar “[...] o próprio conhecimento da gramática” (Carneiro Leão, 1935, p. 304). Terceiro, eles todos foram unânimes quanto à agilidade que os estudantes demonstravam na compreensão da oralidade, mesmo apresentando um vocabulário limitado, os estudantes “[...] se expressavam em Francês” (Carneiro Leão, 1935, p. 304).

Expostos todos os resultados diante do uso do método direto no estudo das línguas⁷, passa-se, então, a abordar como Carneiro Leão se posicionava na reforma das línguas estrangeiras no Colégio Pedro II. Os passos de suas atividades que se enumeram no início desta seção sobre a reforma, em função dos propósitos que se tornam suficientemente inequívoco e exequíveis no ensino dos idiomas, são observados, respeitando-se particularmente a relação do desenvolvimento de industrialização e urbanização no país.

3 A posição de Carneiro Leão na reforma das línguas estrangeiras

No século XIX, o programa de ensino das línguas do Colégio Pedro II era composto pelo estudo das línguas clássicas (latim e grego) e das línguas estrangeiras (francês, inglês e alemão). Segundo Oliveira (2006, p. 287, grifos do autor), o ensino das línguas vivas “[...] deveria ser o mais prático para habilitar o estudante a falar e escrever corretamente nos idiomas estranhos, procurando o professor familiarizá-lo com os *melhores escriptores das diferentes línguas*”.

Contudo, mesmo com essa tonicidade prática no estudo das línguas estrangeiras, não havia distinção de um método para o ensino das línguas clássicas (grego e latim) e outro para as línguas estrangeiras (francês, inglês e alemão). Foi, então, somente no século XX que o programa de estudo das línguas estrangeiras foi repensando no Colégio Pedro II e nas demais escolas que seguiam o plano pedagógico do colégio e, por isso, eram equiparadas ao modelo de ensino do Colégio Pedro II.

⁷ Refere-se ao francês, inglês e alemão, toda vez que se utilizar o termo *línguas*.

Carneiro Leão procurou desvincular do método clássico o estudo sistemático de regras gramaticais, herdado da metodologia das línguas clássicas, procurando viabilizar maior formatação ao uso natural das línguas modernas (francês, inglês e alemão) com o estudo direto na e pela língua, sem precisar recorrer a exercícios de regras artificiais em sala.

É necessário acentuar, então, que, no Colégio Pedro II, o intuito dessa nova organização de estudo das línguas estrangeiras, bem como alegava Carneiro Leão (1934), não era apenas fazer o estudante do ensino secundário falar e escrever as línguas estrangeiras em estudo, mas, com o passar do tempo, levá-lo a estudar “[...] a literatura prepara-lo para sentir e passar para o vernáculo a língua dos bons escritores” (Carneiro Leão, 1934, p. 21).

Por essa razão, esse novo programa de estudo das línguas procurou manter um “[...] equilíbrio entre os extremos das ciências e das letras, entre o clássico e o moderno, entre o humanismo e a técnica” (Chagas, 1967, p. 109-110) na formação do estudante. Tudo isso para estar em sintonia com o princípio da reforma Francisco Campos, que era dar ao plano de estudo do secundário “[...] uma educação literária, uma educação científica, ou uma educação técnica” (Teixeira, 1956, p. 78).

Carneiro Leão não almejava abandonar o estudo das línguas clássicas, mas, por meio do novo método, aproveitar o momento que se fazia oportuno para renovar o estudo das línguas estrangeiras no país pelo “[...] contato direto e imediato dos homens de uma pátria com os homens de outra” (Carneiro Leão, 1935, p. 26), criando, então, a necessidade de falar línguas estrangeiras, pelos interesses da internacionalização crescente do capital no mundo.

O Brasil, a partir da década de 1930, passou consideravelmente por mudanças em seu perfil econômico e social. Essas mudanças pautaram-se na industrialização e, sem dúvida, na substituição de mão de obra dos imigrantes localizados nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Isso ocorreu pela chegada do trabalhador que saía de outras regiões do país, como é o caso do nordeste, para ganharem espaço nas regiões mais ativas economicamente do país.

Na década de 1930, o Brasil vivenciou um expressivo crescimento industrial, inaugurando, então, uma importante fase na economia do país, ou seja, o Brasil deixou de ser exportador de agricultura para transformar-se em um país com atividades de larga escala industrial. Com isso, a educação “[...] passou a ser não apenas um instrumento de ilustração, mas um processo de preparação real para as diversas modalidades de vida da sociedade moderna” (Teixeira, 1976, p. 25).

Para uma educação que atendesse aos ditames dessa nova ordem para os estudos das línguas, haveria de se opor ao ensino baseado na memorização de regras gramaticais e na infinidade de palavras a ser decoradas e descontextualizadas na aquisição da nova língua. A repetição excessiva das palavras, desprovida de um propósito real e verdadeiro, deflagra o significado e o som da palavra.

A prática de memorização de vocabulários, empregada “[...] repetidas vezes, tendo os discípulos durante esse tempo os livros fechados” (Carneiro Leão, 1935, p. 24), a partir de uma lista de palavras extraídas de textos literários estudados nas aulas de línguas, passa a não apresentar um sentido concreto ao estudante, pois, sem a sua contextualização, essa lista de vocabulário decorado desses textos são apenas abstrações, não projetando sentido ao estudo e sem finalidades apropriadas para orientar a formação do homem, atendendo à necessidade da nova ordem social.

Contudo, isso não significa que o estudo da gramática para ampliação do vocabulário com o novo método (método direto) será abandonado, pelo contrário, Carneiro Leão (1935, p. 37) alegava que “[...] ela deve ser um resultado de observação e de experimentação, feitas no momento oportuno, espontaneamente, ou por sugestão inteligente do mestre”. Além disso, ele dizia que a função da gramática na aquisição de vocabulário [...] “é explicar, dar razão de ser das expressões proferidas ou lidas, dos fatos encontrados” (p. 37).

Por exemplo, no clube de conversação, no uso do laboratório de línguas e nas trocas de correspondências com o Lyceu de Paris, Carneiro Leão esperava que os estudantes desenvolvessem tudo que aprendiam ao longo das aulas de línguas estrangeiras por meio dessas práticas que agiam diretamente no uso da língua. O estudo da gramática e a prática da oralidade desenvolvida pelo método direto acontecem a partir da vivência do estudante com o contexto social a que ele pertence, ou seja, sem um ensino sistemático.

Nesse método, a memorização como prática de ensino aos estudantes é amplamente condenada. É por isso que, ao longo das aulas de língua estrangeira, Carneiro Leão (1934; 1935) defende que, nos primeiros anos (1ª e 2ª séries) dos cursos de línguas, o programa de ensino enfatiza a aquisição de vocabulário a partir do entendimento do cotidiano dos alunos. Isso sempre regado a estímulos visuais.

Carneiro Leão expõe que, na reforma das línguas estrangeiras, a utilização de textos oriundos de jornais e revistas, após o trabalho com os autores literários, devia se orientar pela leitura em voz alta pelo professor e, por conseguinte, pelo aluno. Esse tipo de atividade busca trabalhar a pronúncia para o aprimoramento da oralidade no plano de estudo das línguas no ensino secundário. Associada a isso, percebe-se a utilidade do ensino de línguas e nas demais disciplinas.

Na reforma das línguas estrangeiras, segundo Carneiro Leão (1934), os clubes de conversação e o laboratório de línguas eram usados com caráter prático e, sempre que possível, eram empregados no ensino de línguas no plano de estudo do secundário. Dessas práticas, observa-se o caráter útil, empregado no plano de estudo das línguas com o uso de revistas e jornais franceses, discos e filmes (Carneiro Leão, 1934).

Essas ações pedagógicas, portanto, desenvolvidas por Carneiro Leão ao longo da reforma, revelam um ensino de línguas de caráter utilitário, ou seja, útil, buscando direcionar a formação do homem para atender às exigências de produção do comércio e da indústria. A educação corrigiria distorções sociais da época, “[...] neutralizando a carga nociva e vergonhosa advinda de nossas raízes étnicas” (Araújo, 2002, p. 119). Só uma educação com natureza prática e útil aos propósitos da época poderia mudar o rumo do país.

4 Conclusão

O século XX foi marcado pelo processo de industrialização que se acelerou em função das transformações ocorridas no interior da produção cafeeira no país. A política, centrada na produção e a mão de obra rural, não atendia mais aos avanços da industrialização que começou a emergir nos centros urbanos, procurando se ajustar aos novos investimentos da nação. Em 1930, Getúlio Vargas teve sua ascensão ao poder, instaurando o seu governo provisório que se estendeu até 1934. Após esse período, iniciou-se a segunda fase de seu governo, conhecido na história brasileira por ser o período constitucional (1934-1937).

A educação vivera o seu momento histórico em 1930, dando início a uma nova fase que mudaria o rumo daquela nação brasileira, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, hoje conhecido como MEC. Com a criação desse órgão, foi nomeado Francisco Campos como ministro da Educação e Saúde. Iniciou-se, então, a reforma do ensino secundário do Brasil em 18 de abril de 1931. Essa reforma ficou conhecida como a reforma Francisco Campos.

Diante deste cenário, a discussão sobre o ensino de línguas, no ensino secundário brasileiro, entre os anos de 1930 e 1934, mantém o método direto como a solução para modernização do ensino. Não se trata apenas de ensinar ou não línguas estrangeiras no ensino secundário do Pedro II e demais estabelecimentos de ensino equiparado a este Colégio, mas de rever o método utilizado no ensino das línguas (inglês, francês e alemão).

O professor Antonio Carneiro Leão era favorável ao ensino das línguas estrangeiras de forma ativa, viva e dinâmica. Para isso, as ações pedagógicas empreendidas ao longo da reforma, tais como: carga horária de estudo das línguas; formação de novas turmas; contratação de novos professores; criação do clube de conversação para

prática da oralidade; troca de correspondência das turmas de francês; uso do laboratório de línguas; uso de discos e rádios nas aulas de línguas; elaboração de material didático e o novo método para ensino das línguas (método direto), preparava o homem da cidade para a sua inserção nas atividades de modo de produção, levando o país a atingir a sua industrialização e plena urbanização nos grandes centros, como era o caso do Rio de Janeiro e São Paulo.

A produção constitutiva em Carneiro Leão na reforma das línguas estrangeiras no Brasil estabelece, sobretudo, a compreensão da nova identidade de oferta de um idioma no currículo da escola pública brasileira. Isso ocorre porque ele buscou identificar no método direto a solução para modernização do ensino a fim de equilibrar as humanidades e a ciência com o propósito de formar o estudante para atender às necessidades dos investimentos de industrialização e urbanização no país.

A solução encontrada por Carneiro Leão foi equilibrar a ciência e as humanidades. A ciência estimulava o progresso da nação. As humanidades promoviam a união dos homens. Neste contexto, a solução encontrada foi elaborar um conjunto de ações pedagógicas (já mencionadas anteriormente nesta seção) que pudessem ser práticas e, ao mesmo tempo, modernas, garantindo os conhecimentos necessários para formação utilitarista do homem para década de 1930.

Boa parte das ações realizadas por Carneiro Leão ainda estão por acontecer. A redução de números de alunos em sala e o aumento da carga horária da disciplina de língua estrangeira no espaço escolar são alguns dos aspectos que sem dúvida, o professor e intelectual brasileiro, Carneiro Leão, por meio de suas ações, permitiu compreender a sua forte preocupação demonstrada com o sistema educacional brasileiro.

Seus debates tornam-se concretos e atuais devido à compreensão que temos do passado com relação ao presente. As experiências vividas por ele, em uma época de constantes mudanças políticas, econômicas e culturais, são, hoje, ressignificadas pela contradição da relação de poder que a política, infelizmente, impõe como resultado das ações desenvolvidas no contexto das experiências culturais do homem.

Carneiro Leão foi um intelectual brasileiro por nutrir afinidade cultural em sua formação. Ele é uma figura histórica que merece ser estudada, compreendida e debatida pela comunidade acadêmica, não só por seu legado político-educacional, mas, sobretudo, por se tratar de um dos mais respeitados intelectuais da nação brasileira.

Referências

- ABREU, M. P. O Brasil e a economia mundial 1929-1945. *In*: BORIS, Fausto. (org.). **História geral da civilização brasileira**. 9. ed. São Paulo: Editorial Record, 2007. p. 9-49

ARAÚJO, C. **A escola nova em Pernambuco: educação e modernidade.** Recife: Fundação de Cultura, 2002.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 20.833, de 21 de dezembro de 1931.** Extingue cargos de professores no Colégio Pedro II e dispõe sobre o ensino de línguas vivas estrangeiras no mesmo Colégio. Brasília: Câmara dos Deputados, 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20833-21-dezembro-1931-508467-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 7 abr. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932.** Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21241-4-abril-1932-503517-publicacaooriginal-81464-pe.html>. Acesso em: 6 abr. 2022.

CAMARGO, A. A revolução das elites: conflitos regionais e centralização política. *In:* FRANCO, C. M.; CAMARGO, A.; MARIANI, M. C. (org.). **A revolução de 30: seminário internacional.** Brasília: Editora da UnB, 1983. p. 7-46.

CARNEIRO LEÃO, A. **O ensino das línguas vivas: seu valor, sua orientação científica.** São Paulo: Companhia Nacional, 1935.

CARNEIRO LEÃO, A. **O ensino das línguas vivas: uma experiência brasileira.** Rio de Janeiro: Serviço de Publicações do Instituto de Pesquisas, 1934.

CARVALHO, C. D. **Sociologia educacional.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

CHAGAS, R. V. C. **Didática especial de línguas modernas.** 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

CHAGURI, J. P. **Antonio Carneiro Leão e o ensino de línguas estrangeiras no Brasil.** Maringá: Eduem, 2020.

CHAGURI, J. P.; MACHADO, M. C. G. **Guia de fontes da bibliografia de e sobre Carneiro Leão.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2017a. Disponível em: <https://www.editoranavegando.com/copia-historia-da-educacao>. Acesso em: 6 mar. 2022.

CHAGURI, J. P.; MACHADO, M. C. G. **Guia de fontes sobre a legislação da educação brasileira.** Curitiba: Appris, 2017b.

CHAGURI, J. P.; MACHADO, M. C. G. Notas biográficas de um educador brasileiro: Antônio Carneiro Leão. **REVELLI - Revista de Educação, Língua e Literatura**, Inhumas, v. 10, n. 1, p. 70-98, 2018. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/6296>. Acesso em: 7 abr. 2022.

CHAGURI, J. P.; MACHADO, M. C. G. O Método direto no ensino de línguas estrangeiras no Colégio Pedro II na década de 1930. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 575-596, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/54503>. Acesso em: 28 out. 2023.

DORIA, E. **Memória histórica comemorativa do 1º Centenário do Colégio de Pedro Segundo**: 2 de dezembro de 1837 – 2 de dezembro de 1937. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Cultura e Saúde, 1937.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

GOMES, R. B. O Método Direto no Brasil: as dificuldades em romper com o tradicional. *In*: CHAGURI, J. P.; BERTO, J. C. B. (org.). **Pesquisas em história da educação e linguística aplicada**: novos olhares para o ensino de línguas no Brasil. Campinas: Pontes, 2018. p. 155-178.

GOMES, R. B. **Inglês ao alcance de todos**: a instituição do método direto para o ensino de línguas no Brasil (1931-1951). 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

LIMA, R.; MACHADO, M. C. G. Carneiro Leão: considerações acerca da sociologia educacional. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 143-154, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/13722>. Acesso em: 27 out. 2023.

LOURENÇO FILHO, M. B. A educação, problema nacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-28, 1944. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/issue/view/324>. Acesso em: 28 out. 2023.

MARTINS, L. A Revolução de 30 e seu Significado Político. *In*: FRANCO, Celina Moreira; CAMARGO, Aspásia; MARIANI, Maria Clara (org.). **A Revolução de 30**: seminário internacional. Brasília: Editora da UnB, 1983. p. 668-689

OLIVEIRA, L. E. M. **A Instituição do Ensino das Línguas Vivas no Brasil**: o caso da língua inglesa (1809-1890). 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, L. L. As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o estado. *In*: FRANCO, C. M.; CAMARGO, A.; MARIANI, M. C. (org.). **A revolução de 30**: seminário internacional. Brasília: Editora da UnB, 1983. p. 505-526

TEIXEIRA, A. **A educação e a crise brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1956. (Série Atualidades Pedagógicas)

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1976. (Série Atualidades Pedagógicas)

Revisão gramatical por:

Paula Rafael Gonzalez Valelongo

E-mail: paulargvalelongo@gmail.com